



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-vale-amarga/>

A Vale (amarga) e o Rio Doce em um poema (fatídico) de Drummond

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva[1]

RESUMO: Analisa-se, neste ensaio, um profético poema de Carlos Drummond de Andrade, “Lira Itabirana” (1983), sobre as mazelas sociais que a Companhia Vale do Rio Doce traz ao rio mineiro que perpassa o Espírito Santo, e nomeia a instituição. Embasa-se em notícias e artigos acadêmicos para tecer comentários acerca desse objeto estético drummondiano, o qual parece denunciar mazelas ambientais oriundas da Vale, assim como predizer o futuro acerca de tais problemáticas que ainda em tempos hodiernos agride o meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Companhia Vale do Rio Doce. Crime Ambiental. Drummond. Lira Itabirana.

Vale y Rio Doce en un (fatídico) poema de Drummond

RESUMEN: Se analiza, en este ensayo, un profético poema de Carlos Drummond de Andrade, "Lira Itabirana" (1983), sobre las aflicciones sociales que la Compañía Vale do Rio Doce causa al río mineiro que atraviesa Espírito Santo, y que da nombre a la institución. Se apoya en noticias y artículos académicos para tejer comentarios sobre este objeto estético drummondiano, el cual parece denunciar las aflicciones ambientales originadas por Vale, así como predecir el futuro de tales problemáticas que aún en tiempos actuales agreden al medio ambiente.

PALABRAS CLAVE: Companhia Vale do Rio Doce. Delitos ambientales. Drummond. Lira Itabirana.

*O discurso drummondiano em suas
várias manifestações exemplifica essa
ligação do sujeito com seu
espaço de origem*



(ROSA, 2000, p. 17).

Um poema (fatídico) drummondiano em análise

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) foi um poeta, contista, cronista (além de ter sido funcionário público e jornalista), um expoente da poesia brasileira do século XX – foi ainda um dos maiores representantes do movimento modernista no Brasil, com uma poética de embate reflexivo e silencioso (Ribeiro, 2017). Embora seu primeiro livro de poemas, *Alguma Poesia*, tenha sido publicado em 1930, esta é uma coletânea de poemas escritos ainda na década anterior, quando de fato inicia seu percurso literário.

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, e o projeto literário do poeta se fundamenta em diversos núcleos temáticos, tais como a solidão, a memória, o amor e as condições humanas (Rosa, 2000). Seu trabalho poético versa entre reflexões pessoais, lirismo e crítica social. Um de seus poemas mais conhecidos, e polêmico ainda hoje, é “No meio do caminho”, publicado em 1928. O poema que trago a este ensaio é “Lira Itabirana”, publicado em dezembro de 1983, no jornal *O Cometa Itabirano*, nunca publicado, inclusive, em livro, o que fez muitos a questionarem essa autoria (Zero Hora, 2015). Trata-se de um texto poético em tom de denúncia à Companhia Vale do Rio Doce:

I
O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

II
Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

III
A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.

IV
Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro? (Drummond, 1983 apud Zero Hora, 2015).



Preciso colocar em tela o contexto de produção desse poema, que é de suma importância para analisá-lo: um Brasil que ainda sentia o contexto de ditadura militar e, por conta disso, assolado em uma dívida externa e em processo de modernização que menosprezava a natureza e os sujeitos que dela dependiam. É um poema que trata da economia mineira daquele contexto, mas de certo, entrelaçando essa crítica social a um movimento nostálgico de uma Minas Gerais que não mais existia – refletindo na economia brasileira daquele momento. No geral, esse poema de Drummond mira pontuais críticas, de forma sucinta, aos impactos socioeconômicos e ambientais oriundos da exploração mineral no Brasil e, principalmente, em Minas Gerais. É válido ressaltar que a Companhia Vale do Rio Doce teve seu advento no mesmo município, em 1942, e que Drummond também era itabirano.

A primeira estrofe, “I O Rio? É doce/ A Vale? Amarga/ Ai, antes fosse/ Mais leve a carga”, se fundamenta em um jogo de antíteses: é o candor e a doçura da natureza que se contrapõem aos impactos amargos oriundos da mineração e “encomendados” pela Companhia Vale do Rio Doce. A expressão “Ai antes fosse” evoca um passado livre da devastação provocada pela mineradora supracitada. O verso “Mais leve a carga” faz uma alusão não apenas ao sofrimento causado pelas tragédias ambientais, mas também ao crescente fardo que a Vale S.A. impôs ao país com os desastres de Mariana e Brumadinho. Essa carga, representada pela dor das vítimas e pelo envenenamento dos rios, aumenta com o passar dos anos, à medida que as consequências desses desastres se intensificam. O “mais leve” no verso é, portanto, uma súplica, uma busca por alívio diante do peso das vidas destruídas e da natureza devastada, em um contexto de negligência e impunidade. O aumento dessas tragédias ambientais, resultantes diretamente da atividade da mineradora, é uma referência explícita ao fardo que continua a crescer, tanto para as vítimas quanto para o meio ambiente, e que ainda ecoa na atualidade.

Em “II Entre estatais/ E multinacionais/ Quantos ais” a voz poética propõe uma reflexão sobre a relação existente entre o capital nacional e internacional. O verso “Quanto ais” representa o sufrágio dos trabalhadores que são explorados juntamente com a exploração mineral, da mesma forma que representa os sujeitos sociais que, de certo, dependem dos recursos naturais. Já a estrofe “III A dívida interna. / A dívida externa./ A dívida eterna” traz um trocadilho rimíco com as palavras “interna”, “externa” e “eterna” para ilustrar que a dívida externa do Brasil era um fantasma no horizonte de qualquer tentativa de crescimento de nosso país (Zero Hora, 2015):



mesmo extraindo minério de ferro, destruindo o Rio Doce e outros recursos naturais de Minas Gerais (e adjacências), o país continuava em débito e em dependência financeira. O movimento anafórico com a repetição do início do verso, “A dívida”, reforça esse ciclo vicioso que ainda hoje não foi solucionado – assim, de fato, concordo com esse eu poético: é uma dívida eterna.

A última estrofe “IV – Quantas toneladas exportamos / De ferro? / Quantas lágrimas disfarçamos / sem berro?”, conclui o poema mostrando que a exploração dessas riquezas se dá no silenciamento de lágrimas do povo e, esse povo, não estava sem o direito de “berrar”. O ferro simboliza a mineração, enquanto as lágrimas representam o sofrimento social, as tragédias ambientais e, ainda, a exploração das pessoas que sequer conseguiam protestar. Em suma essa voz poética,

[...] revela um sentimento de angústia, de abandono e de perda da cidade diante da política implantada ao longo do tempo pela Companhia Vale Rio do Doce. Sentimento de expropriação, de exploração e de *menos valia* projetado durante todos os anos da extração do minério de ferro. As vozes que no passado calaram ou foram caladas diante do poder da máquina devoradora da riqueza da terra surgiam agora na voz daquele que sempre percebeu e pressentiu o destino da sua cidade (Rosa, 2000, p. 110).

Nesse sentido, em poucas palavras, de forma minimalista, Drummond, profetizava de forma lírica (e irônica) as tragédias ambientais incoadas pela Vale, em Mariana e Brumadinho, ambas em Minas Gerais – tragédias essas que marcaram a história do Brasil não só pela destruição ambiental, mas ainda pela perda de vidas humanas (e não humanas).

Os rompimentos das barragens, ocorridos em 2015 e 2019 (Freitas et al., 2019), respectivamente, demonstraram falhas graves na segurança da mineração e na fiscalização dessas estruturas. E esses danos ambientais são irreversíveis, pois reverberam ainda hoje impactos ambientais, sociais e econômicos: desde a perda de entes queridos (seja pela destruição de suas casas, seja pela dizimação dos meios de subsistência) até impactos ambientais a longo prazo, como contaminação de rios e solos, perda de biodiversidade e risco de novos desastres.

O desastre de Mariana ocorreu em 5 de novembro de 2015, com o rompimento da barragem de Fundão, operada pela Samarco, uma *joint venture* entre a Vale e a BHP Billiton (Freitas et al., 2019). Aproximadamente 50 milhões de metros cúbicos de rejeitos foram despejados, soterrando o distrito de Bento Rodrigues e causando a morte de 19 pessoas (Souza, 2024). Foi um impacto ambiental devastador, o qual atingiu do Rio Doce ao Oceano Atlântico, afetando diversas comunidades – inclusive no Espírito Santo [2], estado em que resido: o rompimento dessa



barragem, liberou material com alta concentração de óxidos de ferro, atingindo diretamente diversas cidades e chegou à foz do rio, na região de Regência, no município de Linhares. Além da contaminação da água e destruição de ecossistemas aquáticos, impactos socioeconômicos severos atingiram comunidades ribeirinhas e pescadores dessa região, e ainda resultou em prejuízos para o turismo local.

E quatro anos depois, em 25 de janeiro de 2019, a tragédia se repetiu, só que em Brumadinho, com o rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão (Freitas et al., 2019), também administrada diretamente pela Vale – ocasionando consequências humanas muito mais graves: 272 pessoas morreram, boa parte delas trabalhadores que compunham a própria mineradora. O desastre liberou cerca de 13 milhões de metros cúbicos de rejeitos (Freitas et al., 2019), contaminando o Rio Paraopeba, destruindo propriedades, aniquilando a vegetação e também animais ao longo do caminho – uma calamidade tanto para os seres humanos, quanto para os seres não humanos.

Ressalto também os impactos socioeconômicos desses desastres: famílias perderam suas residências, suas propriedades e suas fontes de renda, principalmente aquelas que dependiam dos rios que foram contaminados. Em Brumadinho, a tragédia também gerou impactos mentais extremos (Neves, 2018), porque muitas vítimas estavam no refeitório da própria mineradora no momento do colapso da barragem (Rocha, 2021), tornando para as famílias e amigos a identificação dos corpos de seus entes queridos um processo doloroso – e a Vale S.A. não teve grandes transtornos econômicos com esse desastre (Rocha, 2021).

Segundo Samora e Nogueira (2020), as investigações revelaram que, em ambos os casos, havia conhecimento prévio sobre os riscos dessas barragens desde o ano de 2003, no entanto as medidas preventivas não foram tomadas, o que é um absurdo para uma empresa desse porte. Ainda hoje, a Vale S.A., a Samarco e a BHP respondem a processos judiciais e a acordos financeiros para reparação dos danos, contudo a responsabilização criminal dos envolvidos tem sido paulatina, quase que caindo em nosso esquecimento, inclusive. Ademais, a tragédia de Brumadinho expôs fragilidades na fiscalização, levando a mudanças na legislação de segurança de barragens no Brasil. As tragédias ambientais de Mariana e Brumadinho guardam uma relação profunda com o fatídico poema de Drummond aqui colocado em análise. O poeta mineiro profetiza (e denuncia) nesse tecido poético os impactos destrutivos da atividade mineradora para a natureza e para as vidas



humanas. Digo que Drummond “profetiza” esses desastres ambientais, porque “Lira Itabirana” foi escrito décadas antes dos rompimentos das barragens supracitadas. O poeta chega a fazer um movimento paradoxal em seu discurso poético aqui em tela, pois Itabira, que é uma cidade rica em minério, não usufrui dessa riqueza, deixando-a nas mãos da Vale. É fato que quando a mineração adveio, em Mariana e Brumadinho, empregos e o desenvolvimento econômico também vieram junto, mas a que custo? Pagou-se com desgraças, tragédias e destruição. A classe trabalhadora que dependia da mineração foi a mais afetada nessa prática, pois o lucro da empresa não se reverteu na qualidade de vida da comunidade local.

Acabou que os versos “O Rio? É doce. / A Vale? Amarga” podem ser considerados símbolos de uma revolta nacional depois do rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho. Tanto em Brumadinho, quanto em Mariana a degradação ambiental se deu com os rejeitos de minério e isso foi causado por negligência da Vale. A trágica ironia do poema ainda é evidente, pois a natureza abundante foi envenenada pela ganância de “gente grande” que mal responde por esse ato de irresponsabilidade.

Como foi posto, além da destruição ambiental, a voz poética drummondiana em “Lira Itabirana” também fala da perda da identidade e da história dessas pessoas que foram afetadas pela mineração. Em Mariana, o distrito de Bento Rodrigues foi soterrado, apagando memórias e modos de vida produzidos ao longo de sua história. Em Brumadinho, a lama “varreu” para fora a história da cidade, resultando em um vazio na vida daqueles moradores.

As investigações só ratificam a crítica drummondiana à negligência social da prática mineradora, haja vista que a poética de Drummond também tem como pano de fundo um contexto social (Ribeiro, 2017). Nas duas cidades, a Vale tinha ciência dos riscos das barragens, no entanto, o dinheiro falou mais alto que a vida e a segurança daquelas pessoas. Esse descaso faz um movimento dialógico com “Lira Itabirana, que denuncia os riscos da exploração de minério e a falta de compromisso e cuidado com a população por parte da Vale S.A. Ademais, “Lira Itabirana” se tornou um retrato atemporal de uma situação concreta, a prenunciar desastres ambientais (e sociais) de Mariana e Brumadinho, um cruzamento discursivo-literário do deplorável testemunho da ação humana sobre a natureza, em detrimento dos interesses econômicos.

Bibliografia



FREITAS, Carlos Machado de et al. Da Samarco em Mariana à Vale em Brumadinho: desastres em barragens de mineração e Saúde Coletiva. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, p. e00052519, 2019.

NEVES, M.G.L.; ROQUE, M.; FREITAS, A. A., Garcia, F. **Pesquisa sobre a saúde mental das famílias atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana**. Belo Horizonte: Corpus, 2018.

NOGUEIRA, Marta; SAMORA, Roberto. **Vale sabia sobre fragilidades em barragem de Brumadinho desde 2003, conclui comitê**. Uol, 20.02.2020. Economia. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/02/20/vale-sabia-sobre-fragilidade-em-barragem-de-brumadinho-desde-2003-conclui-comite.htm>> Acesso em 20 mar. 2025.

RIBEIRO, Roney Jesus. Dos exercícios da crítica à construção dos estudos comparados: Das relações intersemióticas entre a pintura de Dacosta e a poesia de Drummond de Andrade ao inconsciente moderno. **Revista do Colóquio**, v. 7, n. 12, p. 51-61, 2017. ROCHA, Leonardo Cristian. As tragédias de Mariana e Brumadinho. **Caderno de geografia**, v. 31, n. 1, p. 184-184, 2021.

ROSA, Angela Maria Vaz Sampaio. **Palavra e terra de Carlos Drummond de Andrade em O cometa itabirano**. 2000. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte.

SOUZA, Beto. **Relembre o rompimento da barragem de Mariana, que completa 9 anos hoje**. CNN, São Paulo, 05.11.2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/relembre-o-rompimento-da-barragem-de-mariana-que-completa-9-anos-hoje/>>. Acesso em 22 mar. 2025.

ZERO HORA. **Poema de Drummond sobre o Rio Doce, que circula em redes sociais, nunca foi publicado em livro**. 17.11.2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/11/poema-de-drummond-sobre-o-rio-doce-que-circula-em-redes-sociais-nunca-foi-publicado-em-livro-4905072.html>> . Acesso em 19 mar. 2025.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/06/2025



[1] Doutorando em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Espírito Santo; além de ser professor do componente curricular de Língua Portuguesa na educação básica. E-mail: dyghusoueu@gmail.com.

[2] Ainda, em Vitória, capital capixaba, há outros problemas ambientais decorrentes das atividades da Vale, na região portuária de Tubarão: existem registros de contaminação atmosférica e marinha por partículas de minério de ferro e outros poluentes, os quais prejudicam a qualidade do ar, a fauna marinha e a saúde da população.